



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO
LATO SENSU
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA
PSICANALÍTICA
2011-2013**

Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana

Apresentado por: Gabriella Nunes Neves

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

BRASÍLIA, 2013

**OS IMPASSES DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E O MAL
ESTAR NA ATUALIDADE**

Apresentado por: Gabriella Nunes Neves

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

A leitura psicanalítica permite um olhar relevante às questões culturais e sociais. Segundo Peixoto-Junior (1999, p. 111) é “inegável que exista em Freud uma teoria do social” e essa teoria foi desenvolvida a partir de uma evolução da teoria individual. Portanto, a Psicanálise pode fornecer subsídios preciosos para compreender a coletividade, as instituições, as massas e a sociedade. Freud, em seus textos sociais, se indaga constantemente acerca dos efeitos da modernidade sobre o sujeito, especialmente do conflito existente entre as pulsões e a civilização.

Partindo de tal argumentação teórica, temos como objetivo no presente trabalho analisar, à luz da Psicanálise, a instituição política e social da chamada “Alimentação Saudável” como forma de promoção de saúde e prevenção da obesidade. Questionamos se a criação de normas, regras e imposições alimentares não seria atuar na contenção e controle de pulsões sexuais primárias, provenientes da zona erógena oral e suas possíveis consequências. Desta forma pensamos ser possível discutir, a partir do texto “*O Mal estar na Civilização*” (Freud, 1930), os impasses do sujeito contemporâneo em seu contexto alimentar.

A saúde pública brasileira enfrenta um desafio importante. O país tem vivido um novo cenário econômico e social, a exemplo, do fortalecimento da economia e a busca de uma diminuição da faixa de pobreza. Essa nova realidade tem contribuído para a melhoria ao acesso e variedade de alimentos, favorecendo um incremento na ingestão de uma variedade maior de alimentos, mas também um crescimento significativo do excesso de peso em todas as camadas da população (Ministério da Saúde, 2012). Segundo dados do Ministério da Saúde, nos últimos seis anos, o número de brasileiros com excesso de peso ou com obesidade aumentou. Quase metade da população brasileira está acima do peso. O crescimento é acelerado, cerca de 1% ao ano entre os adultos. Estima-se que em vinte anos cerca de 70% dos brasileiros estarão com excesso de peso (Ministério da Saúde, 2011,a).

Esse fenômeno, porém, não é exclusivo do nosso país, o crescimento da obesidade é um fenômeno mundial. Segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2012) o mundo está ficando mais pesado. Entre 1980 e 2008, a prevalência mundial da obesidade quase dobrou. Outro dado importante é que 2,8 milhões de pessoas morrem a

cada ano como resultado de excesso de peso ou obesidade e suas consequências. Esse dado alerta para o aumento também do número de doenças não transmissíveis relacionadas com a obesidade, tais como diabetes, hipertensão arterial e doenças cardiovasculares.

A alimentação inadequada e a obesidade são avaliadas como fatores de risco modificáveis e determinantes sociais dessas doenças. Para o enfrentamento dessa problemática, o Brasil vem implementando políticas públicas de saúde com o objetivo de ampliar ações de alimentação saudável e articular ações para prevenção e controle da obesidade (Ministério da Saúde, 2011b).

O conceito de “Alimentação Saudável” de acordo com a Política Nacional de Alimentação e Nutrição do Ministério da Saúde (2012) é a seguinte:

Entende-se por alimentação adequada e saudável a prática alimentar apropriada aos aspectos biológicos e socioculturais dos indivíduos, bem como ao uso sustentável do meio ambiente. Ou seja, deve estar em acordo com as necessidades de cada fase do curso da vida e com as necessidades alimentares especiais; referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia; acessível do ponto de vista físico e financeiro; harmônica em quantidade e qualidade; baseada em práticas produtivas adequadas e sustentáveis com quantidades mínimas de contaminantes físicos, químicos e biológicos.

Percebe-se que o conceito, de ordem política, se preocupa com os aspectos biológicos e socioculturais, a relação adequada com a natureza e a referência à cultura alimentar dos indivíduos. Considerando os aspectos expostos, compreende-se que para alcançar a alimentação saudável é preciso considerar ainda outras questões culturais e sociais relevantes e características de nossa sociedade pós-moderna que de algum modo resvala o tema da alimentação: o consumismo, o imediatismo, o individualismo, a preocupação com a aparência e a beleza e o culto ao corpo. No entanto, esses aspectos parecem esquecidos nas políticas públicas.

Azevedo (2008) alerta que a definição do conceito de “alimentação saudável” se apresenta de forma confusa tanto para a população quanto para a comunidade científica. Para a autora, desde o início da modernidade, o conceito de alimentação saudável mudou em diferentes contextos históricos, a partir de diferentes formas de construção social, ou seja, passando da preocupação com as deficiências nutricionais e a fome aos

temores do consumo excessivo de nutrientes e calorias. A construção do conceito perpassa diversos interesses sociais como ciência, política, mídia, empresas alimentícias, economia, entre outros.

Goldenberg (2011), em junho de 2010, entrevistou Claude Fischler, sociólogo francês, estudioso da dimensão antropológica da alimentação humana e as relações do homem com seu corpo. Fischler, durante a entrevista, confirma a confusão que as pessoas possuem sobre a comida e o que produz, exigindo delas muitos conhecimentos sobre sua postura frente à alimentação, devendo se tornar conhecedores aprofundados no tema.

Para encurtar a longa história, o que aconteceu foi que, por um lado, os médicos e nutricionistas começaram a alertar contra a má nutrição, comer muito, engordar, obesidade, doenças cardiovasculares etc. Por outro lado, os chefs também estavam dando conselhos e propondo modelos que estavam antecipando o que poderia se tornar uma moda. Dos dois lados estavam se produzindo normas, direções, regras para as pessoas seguirem. As pessoas, quando entrevistadas, estavam claramente começando a dizer que estavam confusas porque liam revistas, e elas diziam uma coisa, primeiro que não se devia comer pão, depois diziam que pão é bom; que não se devia comer muita gordura, depois que existe gordura boa e gordura má. Isso exigia comedores muito competentes! (Goldenberg, 2011, p. 228)

Alimentação Saudável e Obesidade

A obesidade se apresenta como um dos grandes desafios na contemporaneidade, marcada pela sua complexidade e etiologia multifatorial. A obesidade não é somente ameaça à estética, torna-se ameaça à vitalidade. Vigarello (2012) a descreve, pela sua situação epidêmica, como uma doença invasiva, associando o gordo a um doente social.

Aderir a uma alimentação saudável é uma das vias de tratamento à obesidade, mas talvez só venha a somar aos inúmeros tipos de supostas “curas” que se destacam pelas suas promessas de sucesso e possível facilidade de alcance. Na verdade, essas terapias configuram, de acordo com Vigarello (2012), o mercado da obesidade, com profissionalização e investimento das soluções e técnicas anti-obesidade. Com a multiplicação dos recursos terapêuticos, mais evidente se tornam as limitações, as dificuldades, as resistências e conseqüentemente o fracasso.

A preocupação política e social brasileira é claramente com o crescimento do número de obesos, entretanto, a estratégia de enfrentamento é o da inserção da promoção da saúde por meio da alimentação saudável. Ou seja, a política é implementada visando alcançar a todos os brasileiros, aqueles que são obesos, que estão com sobrepeso ou os considerados com peso adequado. Acima de tudo está a busca pela saúde, principalmente a saúde física. Em alguma medida todos nós somos tratados como sendo gordos e a preocupação com a saúde é intensificada. Essa preocupação não é somente estatal e política, ela também se encontra na percepção da população brasileira, que reconhece que manter uma alimentação saudável é uma das principais, senão a principal, indicação para se manter a saúde (Siqueira et al., 2009).

Podemos inferir que estamos caminhando para uma nova cultura alimentar: a “Cultura da Alimentação Saudável”. Cada vez mais presenciamos o crescimento comercial e midiático dos produtos alimentícios *light*, *diet*, zero, orgânicos, naturais e integrais. As saladas e as frutas passam a entrar nos cardápios dos estabelecimentos comerciais conhecidos com *fast-food*, tentativa um tanto quanto extremada para se integrar a essa nova era alimentar. A qualidade dos alimentos está sendo cada vez mais discutida. O tratamento nutricional deixou de se preocupar tanto com a quantidade de alimento ingerido e estabeleceu o propalado “comer de 3 em 3 horas”, que se tornou conduta padrão. O poder aquisitivo tem ditado e limitado o acesso à qualidade e ao saudável. Mas o que é mais emblemático (e talvez radical) é a retirada ou até mesmo a manipulação dos vilões alimentares: açúcar, gordura e sal. Qualquer alimento com esses ingredientes são tidos como não saudáveis, e uma lista de substituições é oferecida.

Podemos dizer que essa cultura tem a pretensão de se impor de uma forma mais positiva, mais amena e mais aceitável adiante das dietas extremamente restritivas e punitivas dos gordos. No entanto, não deixa de ser uma defesa contra a obesidade. Vigarello (2012) ao desenvolver a história da obesidade em “*As metamorfoses do gordo*” afirma que, no século XX, a preocupação médica com a obesidade abraçou a cultura do magro, obrigando e impondo o emagrecimento. Esse fato contribuiu para deslocar os estigmas contra o gordo. O gordo deixa de ser aquele descontrolado e passa a ser o desleixado e negligente, que não consegue emagrecer. O fracasso do gordo cresce na contemporaneidade como o crescimento das autoavaliações e dos testemunhos

sobre a experiência própria: *“O obeso não é mais apenas o gordo. É também aquele que não consegue mudar: identidade desfeita numa época em que o trabalho sobre si mesmo e a adaptabilidade se tornam critérios obrigatórios. O que a obesidade revela é na verdade um fracasso em se transformar”* (Vigarello, 2012, p.301).

A análise do autor apresenta, de certa maneira, o olhar contemporâneo que se tem sobre o gordo. Com a imposição da “Cultura da Alimentação Saudável” esse olhar é amplificado, é possível agora englobar toda a população. O olhar ao gordo passa a ser o olhar a todos, a qualquer pessoa, sem distinção de medidas, sem critério de classificação. Quem está acima do peso tem que emagrecer e quem não está tem que tomar cuidado para não engordar. Todos devem buscar saúde, então todos devem seguir as normas atuais de nutrição e alimentação.

O contexto alimentar tem se tornado um lugar em que o sujeito vai frequentemente fracassar em sua identidade. Vigarello (2012) afirma que a condição corporal é a aposta contemporânea, ou seja, o corpo é a própria identidade.

A aparência, o comportamento, a silhueta designam cada vez menos os vínculos e origens sociais e traduzem cada vez mais a personalidade e particularidades pessoais. O indivíduo não tem mais que representar um grupo ou meio social. Sua singularidade depende dele mesmo e apenas dele. Suas manifestações sugerem um sujeito. A consequência disso é decisiva: ele “é” sua aparência (p.334).

Essa reflexão pode ser associada dentro da “Cultura da Alimentação Saudável” ao slogan: “Você é o que você come”. Ou seja, o tipo de alimentação também designa a sua identidade. Sobre esse slogan, durante a entrevista citada anteriormente, Fischler afirma que há uma noção que todos reconhecem inconscientemente, aquela que difere comedores de consumidores, comer é mais do que uma forma comum de consumo. A comida é algo que você coloca dentro do corpo, não só calorias, energia, carboidratos, mas as suas características, como por exemplo, uma comida forte, pesada, enérgica, saudável. Nas palavras do estudioso: “há uma crença de que se você come alguma coisa você vai se parecer com aquilo que comeu” (Goldenberg, 2011, p.229-230)

A vigilância alimentar se torna coletiva e quem está fora desse padrão está fadado a enfrentar julgamentos morais severos. Herrman e Minerbo (1998) postulam que o discurso social, enquanto instrumento da moralidade, transformou-se do sexual

para a dietética: “Hoje em dia, a sociedade fala mais de comida e saúde. Os complexos morais migraram da sexualidade para a dieta, da cama para a cozinha e para a mesa” (Herrman e Minerbo, 1998, p.22). Os autores complementam dizendo que a moral dietética conserva características do discurso sexual como a culpa, o pecado e a expiação: “Como o antigo adolescente religioso que jurava nunca mais se masturbar, mas nas juras começava a já encontrar a temática da próxima fantasia masturbatória, e na resistência, o mais deleitável dos estímulos, nós que somos, ou consideramo-nos, todos gordos, instituimos uma dieta impraticável com o fito oculto de a quebrar com o máximo prazer possível” (Herrman e Minerbo, 1998, p.25).

Freire Costa (2004), sobre a articulação entre o que é saudável e a moralidade, afirma que o “bom” ou o “bem” são definidos pela distancia ou proximidade da “qualidade de vida” e o referencial dessa lógica é o corpo. “*O justo é o saudável; o reto é o que se adapta ao programa da vida bem-sucedida, do ponto de vista biológico*” (p.191). Segundo o mesmo autor, a bioética passou a se sobrepôr a ética política-religiosa. A partir da ideologia cientificista, foi atribuído valor ao corpo, ou seja, a forma corporal é tida como garantia de admiração moral.

Fischler, nessa mesma linha de pensamento da centralização da comida ao sexo, afirma que se Freud vivesse hoje em dia, colocaria a comida num grau mais importante que o sexo. Segundo o estudioso, sexo e comida são os principais prazeres relatados por americanas e francesas, os dois temas são tidos como tabu e a condição de sucesso no sexo é determinada pelo controle alimentar. Para Fischler, sexo e comida amedrontam a sociedade, no entanto, o sexo, atualmente é mais controlado institucionalmente do que a comida que, por isso, é mais temida (Goldenberg, 2011).

O Mal-estar na Civilização e o Mal-estar na Alimentação

Freud, em 1930, em sua obra “*Mal estar na Civilização*” expôs que a infundável busca pela felicidade do indivíduo na civilização constitui algo impossível. Isto porque, ressalta o autor, o surgimento da civilização, da organização social e da existência do homem só foi possível a partir de uma renúncia, uma troca de parte de sua liberdade

pulsional por segurança social. Essa renúncia é o que vem a caracterizar o constante sentimento de mal-estar, e essa condição resulta sempre em uma tensão entre indivíduo e civilização.

A fragilidade de nosso corpo é uma das fontes do sofrimento humano, pois nunca dominaremos completamente nosso organismo, que como parte da natureza, será sempre uma “construção transitória, limitada em adequação e desempenho” (Freud, 1930, p.43). Reconhecer essa fragilidade não é para Freud algo paralisante, é algo que nos impulsiona em direção a eliminar ou mitigar parte desse sofrimento.

A civilização, segundo Freud (1930), possui duas características: serve tanto como armadura de proteção da ameaça das fontes de sofrimento, quanto suas exigências também seriam a causa do nosso sofrimento. No entanto, para Freud, não conseguimos admitir que as instituições e normas sociais criadas para nosso próprio bem-estar seja fonte de sofrimento. O grau de felicidade estaria relacionado ao grau de civilização: quanto mais civilizado, mais frustrado, maior o mal-estar.

A partir dessa asserção, Le Rider (2002, p.104) afirma: “*Os tempos modernos são erigidos sob o signo da desilusão*”, pois as aquisições culturais aparentam dar conta do desamparo primordial, dão impressão de poder, de controle e de aproximação cada vez maior do ideal, oferecendo certo consolo. Freud (1930, p. 46) é enfático ao dizer sobre os benefícios do avanço técnico e científico: “*(...) aqui se ergue a voz da crítica pessimista, lembrando que a maioria dessas satisfações segue o modelo do “prazer barato”, que é louvado numa certa anedota. Ele consiste em pôr fora da cobertura uma perna despida, numa noite fria de inverno, e em seguida guardá-la novamente*”.

Aplicando esses conceitos ao contexto alimentar, podemos inferir que a nossa alimentação seria um instrumento interventor direto em nosso organismo, podendo cientificamente determinar os corpos em saudáveis e não saudáveis. A civilização e sua evolução nos permitem o acesso a avanços científicos e tecnológicos que proporcionaram conhecimento avançado inclusive no campo nutricional. São criados regras e padrões alimentares fisiologicamente ideais para garantir saúde, longevidade, qualidade de vida e bem-estar. Tudo para suportar a dor de lidar com um corpo que

naturalmente se apresenta em delicadeza, fragilidade e finitude, suscetível a qualquer desordem, disfunção, destruição.

Freud (1930) também refere que a civilização aprecia três elementos que podemos direcionar também ao corpo e à alimentação: “beleza, limpeza e ordem” que “ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais” (p. 54). A “Cultura da Alimentação Saudável” abrange esses três elementos. Proporciona a melhor escolha dos alimentos determina os horários das refeições balizando as quantidades permitidas e as calorias ingeridas; restringe determinados alimentos; controla e regula todos os outros alimentos e seu manuseio e distribuição; além de nos possibilitar o alcance de um corpo bonito, esbelto e saudável.

No entanto, o combate à obesidade, as regras nutricionais, a identificação ou não com o que comemos são atributos sócio-culturais que contribuem para um constante mal-estar na civilização. A “Cultura da Alimentação Saudável” requer do indivíduo contemporâneo a restrição de alimentos e conseqüentemente a restrição de seus prazeres. O açúcar e a gordura são considerados extremamente nocivos, são grandes vilões. E, diante disto, o sujeito precisa renunciar: deve deixar de comer o que gosta e o quanto gosta para passar a gostar dos alimentos tidos como saudáveis nas proporções adequadas.

A cultura da “Alimentação Saudável” pode sim melhorar a saúde física da população. Mas a que custo essas normas se constroem? Será que esse tipo de alimentação imposta compensa? O que é saudável culturalmente descrito é saudável psicologicamente? Qual o preço psíquico que pagamos por seguir dietas saudáveis? Certa vez ouvimos de uma jovem: “Preciso emagrecer! Deixei de comer meu brigadeiro que comia todos os dias no lanche da tarde. Agora vou comer mexerica no lugar do chocolate. Poxa... A mexerica de hoje foi a pior mexerica que comi na minha vida!”.

Freud responde que a construção da civilização sobre a renúncia de instintos poderosos “*é algo que tem seus perigos, se não for compensados economicamente, podem-se esperar graves distúrbios*” (Freud, 1930, p.60). Os transtornos alimentares na atualidade se diferem dos “vômitos histéricos” analisados por Freud. De acordo com Lazzarini e Viana (2006) os transtornos da alimentação na atualidade estão inseridos nas

patologias atuais que possuem característica de centralidade no corpo. O corpo em psicanálise não está somente entre o psíquico e o somático, é a própria subjetivação do eu, o sujeito é o seu corpo. Subjetividade e corporeidade se articulam singularmente (Lazzarini e Viana, 2006).

François Coupry (1947/1990) em seu livro “*O elogio do gordo*”, já na metade do século passado, anunciava as repercussões de uma dieta restritiva. Para ele, a cozinha dietética, não calórica, leve, não alimenta nem o corpo e nem a alma. O sal, o açúcar e a gordura são os inimigos da sociedade e do sujeito, e quando há um investimento contra esses alimentos, na verdade, há um investimento contra valores historicamente simbólicos para o homem:

Pouco tempo atrás, ter gordura e toucinho para a sopa, alimentar-se disso, era sinal de felicidade. E se a igreja, como penitência, para marcar a tristeza da Quaresma (aniversário da morte de Cristo), impunha o jejum, mostrava que a gordura estava relacionada à alegria. Não se matavam os bezerros gordos? Servindo para conservar os alimentos, ou para realçar-lhes o sabor, o sal – sua busca e comercialização – explica páginas inteiras da evolução da humanidade. E como é agradável se ouvir: “Vocês são o sal da terra...” (...) – “Se as vítimas dos sacrifícios hebreus e romanos eram purificados pelo sal para serem aceitas pela divindade, o diabo, como sabemos, oferecer-lhes-á uma refeição sem sal” (...). Quanto à cana-de-açúcar, quando o exército de Dario descobre no vale do Indo “essa cana que dá mel sem a ajuda das abelhas”, seu comércio, como das especiarias, traz a riqueza, oferece ao seres humanos o êxtase, alimento magnífico, requintado, argumento poético da doçura de viver (Coupry, 1947/1990, p. 81-82).

Para o autor, retirar esses alimentos e introduzir a “gordura sem gordura, o sal sem sal, e o açúcar sem açúcar” é revolucionar as mentalidades, transformar as coisas em somente aparência, retirando seu espírito, sua essência, sua consistência. Comer um alimento, por exemplo, com 0% de gordura ou com falso sal ou açúcar, seria como um cenário de teatro, feitos de papelão: “(...) eis alimentos que realmente perderam sua essência, que se tornaram simulacros, ouropéis, para fazer de conta que alimentam outros simulacros, esses ouropéis que são nossos angélicos corpos.” (Coupry, 1947/1990, p. 82).

Renunciar ao açúcar é renunciar ao sabor doce. Desde sempre ouvimos que o sabor do leite materno é doce, e como é recheado de docilidade o contato mãe e bebê. Doce ou não, o leite materno é nosso primeiro alimento. Esse primeiro ato de alimentar-se, para Freud, cumpre a função de pulsão tanto de auto-conservação (necessidade

biológica, suprimimento da fome) quanto de pulsão sexual (satisfação autoerótica, zona erógena oral). Renunciar ao doce é renunciar a esse momento mítico e originário entre mãe e filho, é a renúncia do narcisismo primário, da busca pelo sentimento oceânico.

Devido a essa dupla e ambígua característica da civilização, podemos dizer que a “Cultura da Alimentação Saudável” é uma norma social imposta para atenuar parte do sofrimento, sofrimento este localizado no corpo. Paradoxalmente, ela também se revela causadora, circunstância desse mesmo sofrimento, pois acaba tendo como função também restringir e limitar o prazer. A imposição de uma alimentação saudável pode gerar sentimentos penosos, de difícil alcance, de frustração, fraqueza, incapacidade e culpa.

Adotar a estampa do ser saudável e do ideal alimentar instituído e massificado pela sociedade é ação característica do indivíduo pós-moderno inserido na cultura narcísica. Lazzarini (2006) afirma que sujeito e cultura se expressam um no outro, num movimento reversivo e a partir disso a autora apresenta os diversos estudiosos que defendem que a nossa cultura e os indivíduos nela inseridos manifestam os sintomas da patologia narcísica. Essa cultura seria caracterizada pelo superinvestimento do eu e do corpo, exposição da intimidade, predominância da imagem, temor à velhice e à morte, apelo à juventude, moda e beleza. O olhar do outro, traço imponente dessa cultura, tem mais poder de avaliação, análise e julgamento, fortalecendo o mal-estar contemporâneo, predominantemente vivenciado nos sentimentos de vergonha e culpa.

Como então lidar com essa questão psíquica e social? Como encontrar um equilíbrio entre o saudável e o prazeroso? Como conseguir seguir essa regra cultural sem dilacerar a apreciação de nossos sabores deliciosos? Como diminuir a culpa e controlar nossos desejos? Freud (1930) pode nos responder e o faz da seguinte forma:

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel (p.58).

Enquadrar-se ao rótulo de “Alimentação Saudável” é obedecer ao que a cultura narcísica nos impõe como bem-estar, belo, perfeito e feliz. Esse cumprimento social

coloca o sujeito em uma fôrma uniforme, favorece o empobrecimento do eu, do simbólico, mascara e evita o mal-estar e o desamparo, condições estruturantes do sujeito que precisam ser geridas, e porque não dizer digeridas pelo próprio indivíduo.

Em seu texto Freud (1930) afirma que não acredita em uma solução, uma cura, uma harmonia entre o conflito pulsão e civilização. A relação conflitual seria de ordem estrutural, isto é, jamais ultrapassado. Deste modo o autor diz que seria necessário uma espécie de gestão que, nunca se finda e que nunca termina, do conflito pelo sujeito, e conseqüentemente do desamparo originário, marca desse conflito. Portanto, uma certa ingerência do sujeito deve permanecer para que este não se torne um mero joguete neste universo imperioso que tem encontrado brechas para se impor.

REFERÊNCIAS

Azevedo, E. (2008) Reflexões sobre riscos e o papel da ciência na construção do conceito de alimentação saudável. *Revista de Nutrição* vol.21, n.6, pp. 717-723. Campinas

Coupry, F. (1947/1990). *O Elogio do Gordo: em um mundo sem consistência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Freire Costa, J. (2004). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.

Freud, S. (1930/2010). *O mal-estar na civilização*. In: *Freud, S. Obras Completas– Volume 18 – O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Goldenberg, M. (2011). A comida como objeto de pesquisa: uma entrevista com Claude Fischler. *Psicologia Clínica*. Vol.23, n.1, pp. 223-242.

Herrmann, F. & Minerbo, M. (1998) Creme e castigo – Sobre a migração dos valores moras da sexualidade à comida. In: Carone, I. (Org.). *Psicanálise fim do século - ensaios críticos*. 1ª edição, pp. 19-36. São Paulo: Hacker Editores.

Lazzarini, E. (2006). *Emergência do narcisismo na cultura e na clínica psicanalítica contemporânea: novos rumos, reiteradas questões*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Lazzarini, E. R. & Viana, T. C. (2006). O corpo em psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.22, n.2, pp. 241-249. Brasília.

Peixoto-Junior, C. A. (1999). *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Le Rider, J. (2002). Cultivar o mal-estar ou civilizar a cultura? In: Le Rider, J., Plon, M., Raullet, G. & Rey-Flaud, H. *Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud*. 1ª edição, pp. 97-144. Tradução: Carmem Lucia Montechi Valladares de Oliveira e Caterina Koltai. São Paulo: Escuta.

Ministério da Saúde (2012). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Brasília: Ministério da Saúde.

_____ (2011a). Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. *Vigitel Brasil 2011: Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde.

_____ (2011b). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. *Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022*. Brasília: Ministério da Saúde.

Siqueira, F. V. et al. (2009) Fatores considerados pela população como mais importantes para manutenção da saúde. *Revista de Saúde Pública*. Vol.43, n.6, pp. 961-971. Epub 04-Dez-2009.

Vigarello, Georges (2012). *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao Século XX*. Tradução Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes.

World Health Organization (2012). *Health Statistics: A Snapshot of Global Health*. WHO Library Cataloguing-in-Publication Data